

Protomemórias, Memórias e Metamemórias na construção de identidades.

RESENHA

1. CANDAU, Joel. Memória e Identidade. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

Por Antônio Agenor Barbosa¹

Autor do livro Memória e Identidade, Joel Candau é professor de Antropologia na Universidade de Nice-Sophia, na França, e coordenador do LASMIC (Laboratório de Antropologia e Sociologia Memória, Identidade e Cognição Social), onde desenvolve estudos sobre antropologia sensorial e cognitiva.

Em termos gerais suas pesquisas enfocam as diversas formas e possibilidades (ou impossibilidades) de compartilhamento de memórias (memória coletiva), distinguindo notadamente no seu aspecto conceitual acerca da memória algumas modalidades desta faculdade que o autor nomeia de protomemórias, memoriais e metamemórias.

A obra está inserida no campo da antropologia da memória e segue uma tendência de compartimentar este tema como já foi tratado em outras obras anteriores do mesmo autor tais como *Anthropologie de la mémoire* de 1996 e *Mémoire et expériences olfactives: Anthropologie d'un savoir-faire sensorial* publicada em 2000.

A proposta de aprofundar a compreensão do conceito de memória coletiva, conforme elaborado por Maurice Halbwachs (1990) problematizando a ideia de um (suposto) compartilhamento de memórias individuais é, certamente, um dos pontos fortes do livro.

Memória e Identidade são conceitos fundamentais tanto nas teorias clássicas quanto nas teorias mais recentes no campo das ciências humanas e sociais. Tais conceitos estão presentes em reflexões teóricas das mais diversas

¹ Arquiteto e Urbanista, Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFJF.

como nas análises da memória e/ou da identidade elaboradas por Henri Bér-gson, Pierre Nora, Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs, Phillipe Áries, Norbert Elias, Paul Ricoeur, Andreas Huyssen e Michael Pollak.

No livro em questão, Joel Candau traz à luz algumas dessas contribuições e propõe reavaliações e redimensionamentos dos conceitos de memória e identidade, postas em debate com outras áreas do conhecimento mas, de certa maneira, atento ao legado que as obras de Maurice Halbwachs (*A Memória Coletiva*) e Pierre Nora (*Les Lieux de mémoire*) deixaram pra os que se aventuram a estudar estes temas.

Para Candau, a antropologia, que a partir da sua trincheira, tenta interpretar as relações entre indivíduo e grupo, tem uma importante contribuição para o entendimento dos conceitos de memória e identidade pois no fundo, a grande questão, a partir de dados empíricos, é saber como os indivíduos compartilham práticas, representações, narrativas, lembranças que produzem as quais, em última instância, é o que chamamos de cultura.

A principal chave de leitura para analisar o livro em questão, e que constitui o seu principal argumento, é a de buscar compreender como passamos de formas individuais para formas coletivas de memória e identidade. Para Candau, ao nos interrogarmos sobre esta passagem, partimos da premissa de que ela, de fato, existe e que, portanto, deve ser considerada e demonstrada.

A partir desta chave, reforça-se o fato de que os conceitos de memória e identidade são indissociáveis das noções contemporâneas que temos sobre as ideias de conservação, restauração e, em suma, da ideia de patrimônio tal como o termo vem sendo redefinido mais recentemente. Joel Candau chega mesmo a afirmar que “o patrimônio é uma dimensão da memória” (p. 16) e que “o patrimônio é menos um conteúdo que uma prática da memória obedecendo a um projeto de afirmação de si mesma” (p. 163)

Candau nos provoca, indagando-nos se não há uma tendência que nos leva ao exagero de conferir a estes fenômenos (memória e identidade) uma centralidade que, exceto em períodos de crise, seriam de fato mais relevantes.

Argumenta que manter a ferro e fogo a afirmação de que “a questão das identidades está no coração do debate político” (p.200) e que o patrimônio es-

tá no centro deste problema seria uma forma que o Estado, as organizações, os partidos e algumas correntes religiosas encontraram de conferir importância a este debate que, cotidianamente, pode não ser assim tão relevante para as principais preocupações de indivíduos que estão empenhados em trabalhar, amar, manter sua família e, com muita dificuldade, usufruir um pouco do seu escasso tempo livre. (p.199)

De maneira inteligente Candau critica as grandes narrativas, chamadas por ele de “retóricas holistas” e elabora uma proposta de classificar as memórias individuais em três níveis, a saber:

- Memória de baixo nível ou protomemória, que vem a ser aquela mais próxima do que podemos chamar de hábito.
- A memória de alto nível ou memória de evocação e/ou de lembranças que incorpora crenças, sentimentos, emoções e outras experiências vividas no passado.
- A metamemória que é, na verdade, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, ou algo como uma memória reivindicada.

Neste sentido enquanto as duas primeiras seriam o campo das memórias individuais ou as faculdades de memorização propriamente ditas, a última seria a dimensão em que (supostamente) seria possível compartilhar coletivamente as memórias individuais. Seria, portanto, a representação que se faz da faculdade da memória. É nesta dimensão da representação que se ancora o conceito de identidade.

Estruturado em seis capítulos, o livro aborda no capítulo I os conceitos preliminares sem os quais é impossível qualquer aproximação teórica com problemas ontológicos relativos à memória e à identidade. Faz uma crítica ao que chama de fórmulas consagradas (Searle apud Candau, p.12) de memória e identidade coletivas.

No capítulo II trabalha ao nível do indivíduo e sobre as construções e variações da memória e da identidade.

No capítulo III propõe que a memorialização do mundo está intrinsecamente relacionada a um certo ordenamento temporal sem o qual, sobretudo sem as noções de origem e acontecimento, nenhuma identidade seria possível.

Nos três últimos capítulos o autor parte para a observação de algumas modalidades de passagem de formas individuais de memória e identidade para as suas formas coletivas.

Nas suas conclusões o autor traz para o debate antropológico as complexas relações entre memória e identidade e propõe três observações, ditas por ele, provisoriamente conclusivas, a saber:

- Chamar a atenção para o grande risco de subvalorizar ou subinterpretar o jogo memorial e identitário
- Perceber a ambiguidade intrínseca a esse jogo entre memória e identidade
- Buscar uma interrogação entre o que seria uma memória e uma identidade “justas”

Conclui ainda perguntando qual o lugar ocupado pelo jogo memorial e identitário nas sociedades modernas e como pode o antropólogo, totalmente imerso e absorvido pelas reflexões sobre estes conceitos não se tornar refém dos mesmos e dando a eles, sempre, um papel proeminente em suas observações.

Trata-se de um excelente ensaio antropológico que procura elucidar com rigor as diferentes modalidades de acesso e de representação do homem ao seu estatuto ontológico de ser social e cultural.